

AMIGA DE CAPELA E BATIZADA POR JONATHAN KISS: BREVES NOTAS SOBRE A VIVÊNCIA DE SABRINA NO INTERIOR DA CIDADE DE CRATO-CE

Ribamar José de Oliveira Junior

*Doutorando do Curso de Comunicação e Cultura da Universidade
Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, ribamar@ufrj.br.*

Resumo

Na esquina entre a Av. Coronel Antônio Luiz e a Rua 28 de Dezembro, Sabrina vendia bombons em uma pequena barraca de doces na cidade de Crato, interior do Ceará. Através da escrita de um perfil jornalístico para a 6^o edição do Jornal Sertão Transviado, procuro pontos de contato entre as vivências e as experiências dissidentes de gênero e sexualidades na cidade do interior. Pelo passado no presente, viso desdobrar a memória de Sabrina através das existências LGBTQIA+¹ no contexto interiorano cratense, sobretudo, para pensar a questão relacional da comunidade por meio das subjetividades, das violências e das resistências. Desse modo, o objetivo parte de considerar o percurso do pesquisador enquanto migrante do interior para a capital, no sentido de acompanhar os caminhos que visibilizam os aspectos relacionados à sexualidade e às políticas de subjetivação no desenvolvimento da própria pauta. Diante o que há de conversável nas interações cotidianas do jornalismo, encontro um ponto que vai além do eixo polarizado entre centro e interior, situando o vazamento das margens socialmente localizadas pelos corpos que perfazem a centralidade da cidade hoje. Amiga da travesti Capela e batizada por Jonathan Kiss, Sabrina quando

1 LGBTQIA+ é a sigla utilizada para lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros, *queer*, intersexuais e assexuais. Assim, utilizo o sinal + para compreender as singularidades das questões de gênero e sexualidade.

fala de si mesma me mostra como as fissuras da sua vivência impactam a minha, sobretudo, pela construção de sentido da minha homonormatividade e da sua transexualidade nas arestas diferentes da cidade. De fato, toda confusão tem uma Sabrina e depois de uma breve tarde consegui descobrir o porquê.

Palavras-chave: Subjetividade, Comunicação, Gênero e Sexualidade, Desejo, Corpo.

Breve tarde com Sabrina

Estas breves considerações em torno do meu encontro com Sabrina durante a produção jornalística da 6ª edição do *Jornal Sertão Transviado*², no final do ano de 2017, surge através da abertura de gavetas no período da pandemia. Após reler o perfil que eu havia escrito para aquele número do jornal, que seria o último publicado em 2018, me deparei com um dos pontos da proposta que segue em construção com o meu projeto de cartografar a memória LGBTQIA+ da cidade de Crato, interior do Ceará. Assim, iniciei esse processo em 2016 e, sem dúvidas, as pautas que apurei desenvolvidas para o *Sertão Transviado* me ajudaram muito na medida que foram dobradas e desdobradas enquanto tais. Por isso, vejo o meu encontro com Sabrina na possibilidade de desenvolver um pouco mais a fundo o que discutimos naquele texto. Depois da publicação do perfil, encontrei Sabrina algumas outras vezes pelos acenos e pelas lembranças. Após aquelas palavras trocadas, cheguei nas palavras de outras pessoas que seguem compondo o repertório da pesquisa, naquele momento eu não tinha alcance e não saberia ainda o que iria desenvolver ao certo.

Nesse sentido, viso neste texto apontar apenas uma das pausas por meio dos encontros na tessitura da pesquisa. Na esquina entre a Av. Coronel Antônio Luiz e a Rua 28 de Dezembro, Sabrina vendia bombons em uma pequena barraca de doces na cidade de Crato, a pauta havia sido sugerida por alguma pessoa que na época lia o *Sertão Transviado*, impresso produzido pelo projeto “*Sertão Transviado: outros Cariris*”, apoiado pelas Pró-Reitorias de Extensão e de Cultura da Universidade Federal do Cariri (UFCA), entre os anos de 2016 a 2018. O jornal pautava no sentido de perceber pontos entre as experiências dissidentes e o contexto interiorano de gênero e sexualidade. Era época da minha graduação em Jornalismo e o tema me interessava muito. Inclusive, é importante mencionar que jornalismo não se faz sozinho, as pautas do *Sertão Transviado* eram muitas vezes sugeridas por pessoas que não estavam na redação. Assim, pelo entre-lugar do cotidiano na arte da entrevista, penso em desdobrar a memória

2 Leitura completa de todas as edições: < <https://issuu.com/sertaotransviado> >.

de Sabrina enquanto trans para pensar as cartografias LGBTQIA+ em Crato, sobretudo, pela relação entre o espaço, a subjetividade e o corpo.

De certa forma, o conversável da entrevista revela interações do cotidiano que montam e remontam a cidade. Por isso, as derivações de Sabrina a partir da imagem de Jonathan Kiss³ e de Capela⁴, outras pessoas LGBTQIA+ que fizeram a história na região do Cariri cearense, revelam as linhas que relembram os modos dissidentes no interior da cidade. Não somente a partir do meu encontro com Sabrina, mas dos meus trajetos com outras pessoas LGBTQIA+ que vieram na frente e romperam alguns nós, penso na forma como um jornalista, bicha e migrante do interior para a capital, como eu, pode se relacionar com esses percursos enquanto cratense. O que essas bichas que Sabrina menciona já fizeram? Talvez, Capela me visse como um rádio *transition*⁵ em comparação a ela e, de certa forma, há uma sintonia entre esses dois modos de comunicação.

Narrar, ouvir e escrever: subjetividade e comunicação

Ao levar em consideração o que Barthes (1976) aponta pela experiência expressa nas pequenas narrativas, procuro pensar a forma como Sabrina conta histórias nas quais extrai o sentido do mundo. Diante da narrativa no cotidiano da vendedora de bombons, procuro investigar a forma como ela divide socialmente o espaço que ela pertence na cidade de modo plural. Dessa forma, o olhar narrativizante que Leal (2006) destaca contribui para o arsenal metodológico na

3 Em 2020, o assassinato do decorador e promotor de eventos Jhonatan Kiss completou 20 anos. Em homenagem póstuma, o Centro de Referências LGBT de Juazeiro do Norte fará do seu nome uma frente na instituição. Para ler mais: </www.miseria.com.br/ultimas-noticias/cariri/juazeiro-lembra-20-anos-do-brutal-assassinato-de-jonathan-kiss/>

4 Por meio de entrevistas realizadas, Capela aparece como uma das primeiras travestis do Crato-CE. Para uma leitura mais aprofundada sobre isso, ver Oliveira Junior e Fortes (2019).

5 Faço de um lapso geracional, licença poética para articular o que Capela dizia ao se referir as bichas mais novas. Ela chamava quem estava saindo do armário ou quem estava aparecendo na cidade como bicha de rádio *transition*, enquanto ela se via como um “rádio de válvula” por estar ficando velha na época e pegar o período de mudança do meio de comunicação.

medida em que a reconstituição das narrativas pelo trabalho do pesquisador opera pelo falar do social e pela circulação das redes, pois “os modos comuns de dizer e fazer, vistos como práticas cotidianas, são formas que possibilitam processos identitários ao apresentarem regularidades e padrões compartilhados socialmente” (BRETAS, 2006, p. 32).

Se França (2006) define o sujeito da comunicação pela relação, como um “sujeito em relação”, penso como a ação de afetar pelas condições significantes cerca o cotidiano. O que Sabrina fala opera na abertura do acontecimento e no imprevisível da fala. A partir do que Leal e Carvalho (2015) trazem sobre a narrativa na caracterização do narrador e da composição das personagens, reflito sobre a polifonia das modalidades narrativas, de acordo com o modo de estar no mundo de cada um. “É assim que uma narrativa pode conter uma única personagem e essa ser dotada da capacidade de trazer à tona uma grande diversidade de pontos de vista sobre o mundo social, inclusive tendo em vista sua historicidade e os conflitos de interpretação nele presentes” (LEAL; CARVALHO, 2015, p. 157). Ao lado de Bento (2017), penso em narrativas transviadas no cotidiano.

Diante da metodologia de narrativas orais de histórias de vida, nos termos de Perazzo (2015), procurei pensar como o desejo da memória me leva para múltiplos caminhos do passado pela recordação e pelo esquecimento, sendo um método que permite escavar subjetividades. “Quando os estudos em Comunicação passam a se preocupar com o cotidiano, com o sujeito em sua individualidade, com as experiências particulares, de pequenos grupos em determinadas localidades bastante circunscritas, voltam-se para a dimensão da crônica da vida cotidiana” (PERAZZO, 2015, p. 130). Através da narrativa oral da história de vida de Sabrina, cabe compreender quem eram as pessoas, como viviam e o que sentiam, na medida que Sabrina em primeira pessoa pode exigir novos métodos para a análise e a interpretação dos relatos da memória. O que Favero (2020) destaca sobre o fato de que não basta *queerizar* o tema, “mas entender que até mesmo o exercício de aplicar questionários se altera quando há um deslocamento de pessoas cis para pessoas trans” (FAVERO, 2020, p. 17), reflito sobre a entrevista realizada e as ramificações do texto. Afinal, o que quer dizer Sabrina sobre si mesma e como resgatar o tempo em que diz sobre as outras?

Nos rastros de uma submetodologia indisciplina, conforme traz Mombaça (2016), penso como Sabrina recoloca as vivências em cena pelos caminhos da sua narrativa, pelas formas de comunicação da cultura, na medida em que vasculha de modo indisciplinado ruídos ignorados, visibilizando contextos disputados em trono de quem e como falar, sobretudo, pela tessitura desse mapa de errâncias pela memória LGBTQIA+ da cidade de Crato. “Submetodologia que não se furte às batalhas políticas em que se veja implicada e que não cesse de querer escapar, seja pela via do erro, da entropia ou por qualquer outra (...)” (MOMBAÇA, 2016, p. 345). À vista disso, procuro desdobrar a memória de Sabrina a partir do que escrevi sobre ela, pela forma como ela me mostra o que me falta quando me fala sobre sua trajetória, por meio do modo como não alcanço algumas partes desse mapa, mas posso costurar alguns pontos no tracejado.

Memória, cidade e corpo

Pela memória através das imagens em Bergson (1999) e pelo narrador e a sua arte de narrar em Benjamin (1987), aponto como Sabrina traz a matéria-prima das suas histórias por meio de imagens na sua experiência, entre as tramas do passado no presente, pois a narrativa dela traz a percepção que condensa e intercala múltiplas durações na matéria de si. Nas malhas do que Santiago (1989) discute sobre o papel da ficção nas experiências, discuto como a relação entre narrador e personagens se dão pela pontas, pela experiência do olhar. Diante do “narrador pós-moderno”, cabe pensar sobre a forma como o presencial opera na observação do que se vê, quando me identifico mais com o que leio do que com o que narro da experiência alheia. “Uma ponta, feita de palavras, envolve a experiência muda do olhar e torna possível a narrativa” (SANTIAGO, 1989, p. 45). Diante das reflexões sobre o cotidiano em Lopes (2007), cogito como as sensações das pequenas coisas conduzem a um olhar para o menor, sendo o fio condutor de uma poética, “sem perder de vista os contextos urbanos, midiáticos, da intimidade e da afetividade, nem suas consequências epistemológicas (...)” (LOPES, 2007, p. 91). Por isso, a sensibilidade de apreender a vivência de Sabrina aparece nos detalhes, do ato de vender bombons ao que faz ela estar ali, naquela esquina, narrando os seus percursos. Nesse sentido, narrar para Leal (2013) é compreender

o mundo, configurar experiências e se comunicar com o outro. Como Sabrina dá sentido à cidade a partir do modo como dá sentido à vida?

Ao levar em consideração o que Favero (2020) aponta com a necessidade de uma ética capaz de conjugar cosmologias travestis, procuro o que desliza do próprio dito de Sabrina e o que se desdobra pelo ato de pajubar a entrevista jornalística em uma outra ética. “Pajubar a ética cavar outras hipóteses, mudar a forma de fazer perguntas. E não significa que tal perniciosidade pode ser feita apenas pelas travestis, pois até pelos que com elas se envolvem em seus cotidianos laborais são capazes de fazê-lo” (FAVERO, 2020, p. 16). Diante disso, penso na forma como Sabrina pode me ver, pois quando ela fala de si mesmo e menciona que foi amiga da travesti Capela e foi batizada por Jonathan Kiss, ela me mostra como as fissuras da sua vivência impactam a minha, na medida em que Sabrina já pode ter feito muito para eu, enquanto jornalista, estar fazendo aquela entrevista na cidade de Crato. Enquanto pessoas LGBTQIA+ do interior dessa cidade, discorro na ponte do conversável entre os limites da minha homonormatividade e a reverberação da sua transexualidade nas arestas diferentes do imaginário cotidiano.

Desse modo, há coisas que apenas Sabrina terá acesso e que não passará da escrita do dito, pois quando naquela esquina ela me contou sobre a narrativa da cidade na história da sua vida, falo na forma como ela denomina Manteiga, uma das bichas que compõe sua memória, enquanto “mona, mas uma mona normativa”. Por mais que eu não tenha conhecido Manteiga, encontro caminhos entre o lapso geracional que me situa na forma como Sabrina traz o seu percurso atravessado pelo percurso dos outros naquele momento presente. Como migrante, do interior do Ceará para a capital do Rio de Janeiro, assim como Sabrina que deixa o Crato para ir para São Paulo, tenho refletido bastante nos modos como as histórias contadas perfazem a cidade hoje, no elo entre o meu percurso e o trajeto de Sabrina. No que diz respeito a minha cisgeneridade, a partir das reflexões de Vergueiro (2016), pondero como as memórias de Sabrina escavam os meus percursos dentro das linhas da normalidade e dos dispositivos que produzem a cidade, possibilitando uma outra forma de perceber os espaços e a dimensão subjetiva das relações.

Por isso, a partir do que Mombaça (2015) traz quando pergunta se podemos escutar uma fala subalternizada quando ela se manifesta, procuro perceber como emana o que Sabrina fala no eco do dito para

além do perfil jornalístico, tendo em vista a forma como a narrativa de Sabrina pode não desestruturar a memória da cidade pelo que a história traz como efeito de subalternidade. Dessa forma, recorro ao que Lustosa (2017) traz na abordagem sobre a lenda e a narrativa quando ela traz o corpo trans e as suas modificações como vetores políticos e como forma de compreender a imaginação e o popular por meio da relação da cidade. Como um saber-montagem, encaro essa entrevista realizada como uma parte da montagem em processo de um mapa da memória LGBTQIA+ da cidade de Crato. Afinal, a narrativa da história de vida de Sabrina traz o pressuposto de uma lenda pela boca de uma bicha que diz que onde tem uma Sabrina tem uma confusão. Se pensar em lendas seria uma forma de pensar a imagem por meio do tempo, nas imagens em movimento, talvez o fato de Sabrina ter me transmitido isso oralmente, a história possa ser recontada e ouvida em seus tons particulares. O próprio nome Sabrina pode ser visto em sua origem como uma imagem inventada pelo corpo.

“Sendo a lenda parte da comunicação oral, ela possui uma dimensão gestual que se manifesta na transmissão de memórias: o deitar sobre os corpos ancestrais pode se dar através da reinvenção dos seus saberes, crenças e histórias” (LUSTOSA, 2017, p. 98). Os saberes que constroem a Sabrina hoje fazem com ela mergulhe na narrativa enquanto corpo que conta o que se é. Assim, o que Lustosa (2017) cita sobre a cidade ao mencionar o reflexo dos grandes centros e os corpos dissidentes em contraponto aos pequenos aglomerados urbanos e as hipervisibilidades, pela forma como passam a ser conhecidos por todos nomeadamente, penso no trânsito de Sabrina do Crato para São Paulo. Diante disso, o sentido que Carvalho (2019) atribui ao corpo travesti em suas narrativas aponta a forma como a subjetividade de Sabrina recolocada em cena pela narrativa oral pode operar pelo o que se aproxima de uma “travaturgia”, pois Sabrina tomou o lápis de assalto na sua trajetória. Não somente quando foi batizada de Sabrina por conta de um momento de tensão, mas quando ela mesma escreve sua história pelas ancestralidades dissidentes do interior da cidade.

Se Jesus (2019) aponta como as verdades são construídas e o quanto demoram a serem reconhecidas como verdadeiras, o ato de Sabrina contar mais uma história sobre si mesma, ela refaz um mundo para si, inclusive no reconhecimento da sua mulheridade enquanto trans. “Para termos consciência de quem somos precisamos de memória, de ter conhecimento de nossa história, de onde viemos, de que

a nossa população lutou, e morreu, para que tivéssemos os mínimos direitos dos quais hoje gozamos” (JESUS, 2019, p. 254). Em algum trecho do caminho, Sabrina reconstrói a história na medida que participa da construção de outras experiências relacionadas à vivência de uma identidade de gênero trans na cidade de Crato, quando apreende seu passado pelas referências, entre Capela e Kiss, questiona o presente comigo no ato da transmissão de memórias e constrói o futuro pelo que perfaz a cidade hoje, rompendo com a dinâmica marcada pelo não lugar, como trazem York, Oliveira e Benevides (2020). No exercício de escuta da “voz” que emana dessas dissidências sexuais e de gênero no interior da cidade, raciocino na forma como a memória do Crato vaza no desenho de uma trans-epistemologia.

Portanto, talvez como pesqui(cis)zador, no termo que trazem as autoras, articulo o meu aprendizado com Sabrina pelo o que ela aponta nas tecnologias de (re)existência no seu percurso, nas quais eu nem teria manejo ou permanência pelo que trago. Quando há uma preocupação do texto com a definição de Sabrina nos termos travesti ou trans, encaro o que pode aparecer a multiplicidade da própria Sabrina. “Nós, as travestis, antes de nos dizerem quem somos, nunca dissemos que éramos travestis, como também assim acontece com as mulheres, mas assumimos enunciados que cristalizam verdades sobre nossos corpos” (YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES, 2020, p. 6). Assim, não há como tecer um perfil de Sabrina, sem estar com ela, falar do nós sem alcançar a multiplicidade do que quer dizer o seu nome. A trans-centralidade de Sabrina importa muito para a pesquisa, justamente porque não há uma única forma de ser travesti. O “quilombo” que Sabrina traz no fio da memória de Capela, aponta o meu próprio respeito diante o que me toca e de como toca. Afinal, a lenda só pode preexistir da oralidade, da constituição dessa memória coletiva, como relembra Lustosa (2017). De fato, toda confusão tem uma Sabrina e depois de uma breve tarde consegui descobrir o porquê.

Toda confusão tem uma Sabrina

Pelo que contava Sabrina, se um homem aprendesse a ler, virava bandido. Se uma mulher aprendesse a ler, virava puta. Porém, nenhuma dessas nomeações, apenas o futuro de uma travesti. Derrubando as leis do pai, Sabrina colocava o caderno e o lápis em um saco de arroz e saía para a escola. Para o pai dela, os rumos dos filhos era a roça, mas

naquele dia ela contou que ele já percebia que o trabalho braçal não abria tantos caminhos quanto o estudo, apesar da urgência da força na busca da necessidade. Sabrina aprendeu a ler cedo, dos nove irmãos, foi a única que estudou. Com sete anos, se maquiou e furou a orelha a primeira vez. A mãe fazia um short com pano comprado na feira para Sabrina e a irmã, assim ela fazia o seu corpo pelo que entendia de si. Sabrina ainda começou a cursar Pedagogia, mas desistiu. Aos 17 anos, deixou a pequena cidade do Crato e foi para a grande São Paulo com uma mala de pau e o sonho de ganhar dinheiro e redesignar o corpo.

De dia, telefonista. De noite, profissional do sexo. Dos anos de 1989 a 1993, Sabrina fez da noite paulistana um teto todo seu. Segundo ela, os primeiros quinze dias foram os mais difíceis, chegando a morar debaixo da ponte do Largo São Pedro com as pessoas em situação de rua. Após isso, conheceu Marcela que tinha o que Sabrina chamava de “peito de cabaça”, ao se referir ao silicone industrial na colega. Marcela ofereceu o tráfico de drogas e o palco do Nostromundo, uma das primeiras boates gays do Brasil que ficava na Rua da Consolação, para ela dançar, mas Sabrina quis apenas o último. Não demorou muito para Sabrina retomar a meta do começo da viagem com o desejo de mudar o corpo com as injeções, os anti-concepcionais e os hormônios. Mas, foi quando viu duas amigas que faziam programa na Rodovia Régis Bittencourt morrerem na mesa de cirurgia que decidiu mandar dinheiro para a mãe no Crato e comprar uma casa ao invés de reconstruir o corpo.

Ao voltar para o Crato, Sabrina encontrou uma criança recém-nascida na porta da Igreja do Seminário, na qual chamou de filha no ano de 1995. A menina cresceu chamando-a de “pãe”, metade mãe e pai, como Sabrina se referia. Na época, ela enfrentou a justiça com o namorado, que foi embora para São Paulo e nunca mais voltou, fazendo o que Sabrina chamava de “truque da galinha morta”. A filha estudou, assim como ela. A madre da escola chamava Sabrina de “cabeludo”, dizia que a criança matriculada tinha dois pais, mas isso nunca foi problema, de acordo com Sabrina. Naquela época, Sabrina era avó e tinha 47 anos, ela desafiava os paradigmas da idade e do corpo. “A gente se acostuma a se prostituir, eu deixava a criança em casa e ia para a pista no Palmeiral [em Crato]. Ela era novinha e eu ficava nos corres. Foi aí que fiz um curso de cabeleireiro e montei um salão. Entrei em outro ritmo”, explicou Sabrina.

Naquela esquina, Sabrina vendia bombons em uma barraquinha, ganhando em média 20 reais por dia. Ela não sabia se ficaria muito tempo com aquele trabalho, pois enjoava rápido das coisas e sempre buscava algo novo. “Não é questão do dinheiro, sou eu de gostar de estar nos cantos”, disse ela. Durante aquela entrevista, lembro que as pessoas passavam e desejavam bom dia, ela respondia e continuava a história. Quando a chamavam de Antônio, ela contava que doía por dentro. Sabrina queria o nome social. O nome que Jonathan Kiss colocou nela após uma confusão na festa chamada Lago dos Cisnes. Naquela noite, quando a polícia chegou na boate, Kiss escondeu Sabrina que era menor de idade atrás de uma janela. Os policiais foram embora e Kiss disse: “viado a senhora é uma Sabrina, onde tem uma confusão tem uma Sabrina”. Assim, aquele ato performativo inaugurou uma vida. “Ela foi uma das pessoas que me inspirou bastante, me deu muitos conselhos”, falou Sabrina sobre Jonathan.

Outra amiga que Sabrina teve foi Capela, tida como a primeira travesti do Crato. Naquela época, elas andavam juntas no bar do Manteiga. “Manteiga era mona, mas era mona normativa”, disse. Sabrina e Kiss no antigo bar Raio Laser faziam da Praça Cristo Reis ao lado das bichas Zé Caramelo, Luciano e Bruneto, um lugar delas. Quando Sabrina passava no mercado e cumprimentava Capela, “levava abacate podre”, dizia ao se referir aos recados da travesti. “Sabrina não deixe ninguém te humilhar, se nós existimos aqui na terra é porque Ele [Deus] quer que a gente exista, mas se ele não quisesse que a gente existisse, ele jogava raio fulminante e nós morria”, explicou Sabrina sobre os mandamentos de Capela. Pela lembrança, Sabrina dizia que Capela era valente, branca, tinha cabelos parafinados e pernas tortas para dentro. Capela explicava que Deus fez o homem para o outro homem porque o pênis é redondo como o ânus e precisaria criar um homem com pênis triangular, igual o suposto formato tido da vagina.

Por ter vindo de uma geração em que os afetos subversivos eram rejeitados, Sabrina ainda não gostava de trocar carícias com o namorado em público, por mais que não tivesse nada a esconder. Naquele período, pouco antes da entrevista, Sabrina havia sofrido um infarto após bandidos entrarem no seu apartamento e a espancaram. Durante um bom tempo, ela precisou da terapia e dos remédios para superar a síndrome do pânico, porém naquele encontro ela havia dito que não tomava mais os comprimidos fazia três meses, pela angústia que dava

no peito. Ela enfatizava o quanto que é mesmo feliz “sem eles”. No final daquela pauta, nós nos despedimos e Sabrina continuou vendendo bombons depois de abrimos um outro tempo com as palavras ditas naquela esquina. O quanto da memória cabe no presente cotidiano?

Preciso reencontrar Sabrina

Diante o que há de conversável nas interações cotidianas do jornalismo, tomo a experiência de Sabrina como uma linha dentro da cartografia da memória LGBTQIA+ da cidade de Crato. Por isso, para continuar esta pesquisa preciso reencontrar Sabrina, voltar para o Crato e recomeçar do último nó atado em setembro de 2019 pela trajetória de Capela no centro da cidade, no último encontro que tive com pessoas que conhecem o seu percurso. Ouvir, ouvir e ouvir, acho que esse seja o movimento de deriva dentro do processo de constituição da memória. Como prática, o movimento do jornalista caminha na pesquisa científica. Na verdade, não visio construir barreiras entre uma coisa e outra, apenas pontes pelas palavras nas bocas que remontam o tempo e a cidade.

Talvez, eu ainda revire algumas gavetas antes de continuar o meu percurso pelas memórias das pessoas. Acho isso importante, inclusive. Não tenho dúvidas de que cada palavra de alguma pauta já produzida possui um horizonte para desvendar uma outra história ainda a ser dita. Eu aprendo sobre ser uma bicha do interior quando não sou apenas uma, posso ser outras na história delas mesmas. Os espaços, as ruas e os caminhos falam mais do que nós. A narrativa da história de Sabrina fala sobre esses lugares. O que eu tomaria no Bar do Manteiga e no Raio Laser? Como eu veria aquelas pessoas? Como eu seria visto? São apenas questões que ficam na medida que cruzo o tempo pelas memórias. A pele é uma máquina do tempo, mas a língua é a válvula que aciona o transporte para outra temporalidade. Eu quero ouvir mais, aliás, preciso ouvir mais. Sabrina abriu a porta do mundo quando pegou o lápis e ela ainda tem muita coisa a dizer.

Agradecimentos

Agradeço a Sabrina pelas palavras que nos cruzam, pelo aprendizado através da vivência e pela forma como ela me mostra uma outra cidade dentro da cidade.

Referências

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: Edufba, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política – Obras escolhidas 1**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRETAS, Beatriz. “Interações cotidianas”. In: FRANÇA, Vera R. V. e GUIMARÃES, César et al (org.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

CARVALHO, Renata. O Corpo Transvestigênera – O Corpo Travesti – Na Arte. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 1, p. 213-216, 2019.

FAVERO, Sofia. Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais. **Equatorial**, v. 7, n. 12, p. 1-22, 2020.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. “Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação”. In: In: FRANÇA, Vera R. V. e GUIMARÃES, César et al (org.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 1, p. 250-260, 2019.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos. Jornalismo e polifonia: problematizações conceituais e metodológicas. **Alceu**, v. 16, n. 31, p. 155-170, 2015.

LEAL, Bruno Souza. O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos. (Org.). **Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas**. São Paulo: Intermeios, 2013.

LEAL, Bruno. Saber das narrativas; narrar. In: FRANÇA, Vera R. V. e GUIMARÃES, César et al (org.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

LOPES, Denilson. **A delicadeza: estética, experiência e paisagens**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

LUSTOSA, Tertuliana Mascarenhas. A lenda da trava leiteira. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 8, p. 94-114, 2017.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. **Revista Concinnitas**, v. 1, n. 28, p. 334-354, 2016.

MOMBAÇA, Jota. Pode um cu mestiço falar. **Medium**, Natal, v. 6, 2015.

OLIVEIRA JUNIOR; Ribamar José de. FORTES, Lore. A invenção da homossexualidade à margem do Rio Granjeiro: incidências entre a memória subterrânea e as práticas não ditas na literatura oral do Crato-CE. In: ANDRADE, Luma Nogueira. **Diversidade Sexual, gêneros e Raça: Diálogos Brasil-África – Anais do IX CINABEH**. Campina Grande: Realize Editora, 2019.

PERAZZO, Priscila Ferreira. Narrativas orais de histórias de vida. **Comunicação & Inovação**, v. 16, n. 30, p. 121-131, 2015.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

VERGUEIRO, Viviane. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, Suely, CASTRO, Mary Garcia., and MOUTINHO, Laura. (Org). **Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016.

YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Estudos Feministas**, v. 28, n. 3, p. 1-12, 2020.